



ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA: ANTIRRACISMO E DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS NO ENSINO MÉDIO

Maria Rita Aparecida de Almeida Melquíades ¹

Valdine Carlos de Lima ²

Daniel Luiz Souza de Lima ³

RESUMO

O presente trabalho consiste em um relato de experiência de uma sequência didática realizada pelo subprojeto PIBID/História/Natal, em uma turma de 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Zila Mamede, situada na Zona Norte de Natal/RN. A proposta teve como objetivo promover uma abordagem crítica da História, desconstruindo estereótipos e valorizando a cultura afro-brasileira por meio das vozes negras na construção do conhecimento histórico. As aulas foram divididas em duas oficinas de análises e discussões: uma sobre literatura escrita por mulheres negras e outra com músicas sobre a temática da resistência e representatividade do povo preto. A metodologia foi baseada em abordagens de aprendizagem ativas e criativas, com foco no trabalho coletivo e protagonismo estudantil. O referencial teórico do trabalho foi fundamentado no pensamento de Paulo Freire (1996) e sua pedagogia autônoma e crítica, além de autoras como Chimamanda Ngozi Adichie (2019) e Djamila Ribeiro (2019), pensadoras que refletem sobre questões raciais e do feminismo negro. As atividades incluíram a análise de músicas como “Boa Esperança” de Emicida e “A Carne” de Elza Soares, trechos textuais, discussões em grupo, produção de cartazes e reflexões guiadas por questões norteadoras. Os resultados indicaram um significativo engajamento dos alunos, que demonstraram interesse, criatividade e criticidade ao abordar temas como racismo, identidade, resistência e cultura afro-brasileira. A presença de preconceitos no ambiente escolar, percebido por meio de observações e do diagnóstico prévio, reforça a relevância de propostas didáticas antirracistas, reafirmando o papel da escola na formação de cidadãos críticos e conscientes.

Palavras-chave: Racismo, Negros, Estereótipos, Cultura.

INTRODUÇÃO

¹ Graduando do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, maria.melquiades.102@ufrn.edu.br;

² Graduado pelo Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, valdine.carlos.710@ufrn.edu.br;

³ Orientador. Professor Supervisor do PIBID/História/UFRN/Natal. Escola Estadual Zila Mamede, demianfrom@gmail.com;



As narrativas hegemônicas reservam à população negra o papel de coadjuvantes em um quadro geral da história, sendo retratados como sujeitos passivos em relação aos eventos históricos que os cercam. A consequência desse tipo de representação é a perpetuação de estereótipos e o fortalecimento de uma visão eurocêntrica que invisibiliza as contribuições culturais, sociais e políticas da comunidade afro-brasileira na formação do país.

Nesse sentido, o presente artigo consiste em um relato de experiência de uma sequência didática sobre resistência, representação, estereótipos, história única e antirracismo. A atividade foi realizada pelo subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsa e Iniciação à Docência (PIBID)⁴ da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, coordenado pelas professoras Dra. Juliana Teixeira Souza e Dra. Margarida Maria Dias de Oliveira, e supervisionado pelo professor Me. Daniel Luiz Sousa de Lima. Os trabalhos foram executados em uma turma de 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professora Zila Mamede, instituição de ensino técnico em tempo integral, localizada no Bairro Pajuçara, Zona Norte de Natal/RN, região periférica e estigmatizada por parte da cidade.

Compreendendo que a aula é fruto de uma pesquisa realizada pelo professor, os bolsistas do PIBID, sob supervisão, pesquisaram e selecionaram bibliografias decoloniais para fundamentar a proposta das aulas. As ideias das autoras Adichie (2019) e Ribeiro (2019) foram articuladas para o desenvolvimento de discussões sobre a temática racial, pensando a educação em uma perspectiva antirracista na sala de aula. Dessa forma, houve a análise das obras de autoras negras selecionadas na etapa de planejamento, como Davis (1998), que contribuiu na análise musical. Assim, o trabalho com os alunos foi resultado de um processo de pesquisa, de modo que também analisaram as obras de duas das escritoras.

Durante a sequência didática, os alunos utilizaram o método histórico ao realizar análises, perguntas, discussões e levantamento de hipóteses, sempre de maneira coletiva. Como afirma Ricci (2007), atividades como essa contribuem para a formação do educando enquanto pesquisador e cidadão crítico. Além disso, a proposta usou abordagens ativas e criativas, com a produção de materiais artísticos para fixar as discussões sobre o racismo após a análise das obras das autoras.

A proposta foi organizada em dois momentos de oficinas de análise: uma sobre literatura escrita por autoras negras e outra sobre músicas que abordam a temática racial. Em ambos os momentos, a metodologia foi composta pela análise de trechos de textos e músicas,

⁴ Programa de formação docente vinculado a CAPES, que concede bolsas para as instituições de ensino superior. Podem participar como bolsistas do PIBID os licenciandos, professores das escolas da rede pública de educação básica e professores das IES.





resolução de questões norteadoras para a compreensão do conteúdo e produção de cartazes sobre as questões dialogadas, por meio de grupos de estudantes. A utilização de fontes escolhidas como ferramenta didática objetivou a promoção de uma visão antirracista da história, tendo em vista que a música e a literatura, como manifestações culturais, têm historicamente um papel fundamental como meio de expressão, organização e resistência política.

Antes de iniciar os planejamentos do ano letivo na turma acompanhada, o PIBID/História/Natal aplicou um formulário diagnóstico, a fim de conhecer o público das aulas e adaptar os conteúdos de acordo com as demandas específicas de cada turma, pensando nas problemáticas levantadas com o questionário, seus interesses e dificuldades. O formulário prévio foi aplicado para 28 dos estudantes da turma, sendo possível constatar que 57,1% deles se autodeclararam como pretos ou pardos. Além disso, quando questionados sobre aquilo que consideravam mais importante estudar nas aulas de história, 35,7% dos alunos responderam que gostariam de estudar sobre a história do povo negro. Os dados aqui informados reforçam a relevância do tema escolhido para a sequência de aulas.

O questionário respondido pelos alunos também permitiu observar o preconceito racial enquanto uma problemática do ambiente escolar. Além de ser percebido no cotidiano das relações da turma, foram relatados casos de racismo enfrentados pelos estudantes: “Era um colega, ele me chamou de preto, e outro dia uma menina me chamou de macaco”; “uma menina me chamou de macaco, a muitos anos [sic]”; “fazem bullying pelo meu olho e cor”. Segundo Janice Theodoro (2008), a educação deve ser orientada para a resolução de problemas práticos do cotidiano. Nesse contexto, é essencial que os estudantes sejam incentivados a refletir e questionar a realidade ao seu redor. Assim, temas como o racismo devem ser analisados criticamente, tomando como base o conhecimento histórico para compreender os processos que deram origem aos preconceitos, discutindo estratégias para promover mudanças sociais significativas.

O objetivo da sequência didática foi problematizar as narrativas hegemônicas que perpetuam o racismo estrutural, para combatê-lo em sala de aula. Assim, o projeto visou promover uma análise crítica acerca dos estereótipos sobre os negros ao longo da história, buscando valorizar a sua participação nos processos históricos e problematizar o racismo. Desse modo, ao utilizar recursos como literatura e música, buscou-se proporcionar uma visão antirracista da história e da sociedade atual, promovendo a construção de conhecimentos críticos e plurais sobre a cultura afro-brasileira. A proposta também objetivou discutir aspectos da resistência negra, da história única e dos silenciamentos sobre o povo preto, valorizando a





escrita e produção musical de pessoas negras, muitas vezes negligenciados pela academia e historiografia tradicional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) estabelece que a educação tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (Brasil, 1996). Nessa perspectiva, o papel social da escola é proporcionar a formação integral dos indivíduos, preparando-os para o exercício pleno da cidadania em uma sociedade diversa. Portanto, a escola deve possibilitar que os estudantes aprendam a conviver com as diferenças, conhecer o seu lugar no mundo, entender os seus direitos e combater as desigualdades.

A proposta está fundamentada na Lei nº 11.645/08, de 10 de março de 2008, que determina a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira no currículo oficial da rede de ensino. Além disso, está de acordo com a BNCC no que tange a Competência Específica 5 de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas para o Ensino Médio: “Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, respeitando os Direitos Humanos.” (Brasil, 2018). Portanto, é essencial evidenciar a história e cultura negra protagonizada, contada, e nesse caso, cantada por vozes negras.

Dessa forma, as oficinas de análise de literatura e música sobre a temática racial puderam contribuir para a compreensão da resistência e protagonismo negro na história, por meio da promoção de uma pluralidade de visões acerca da população afro-brasileira e sua cultura, partindo da problematização sobre o olhar homogêneo com relação ao continente africano. Os alunos refletiram sobre o conceito de história única debatido por Adichie (2019), bem como a ideia de estereótipo dos africanos e afro-brasileiros, por meio do método histórico e da educação do olhar para as diferenças, compreendendo os processos histórico-sociais de construção e manutenção dos preconceitos e desigualdades, contribuindo para o desenvolvimento da consciência política e incentivando o combate ao racismo observado no ambiente escolar.

METODOLOGIA

A metodologia adotada foi inspirada na aprendizagem criativa e nas metodologias ativas, por favorecerem o trabalho em equipe, o engajamento dos alunos e a coautoria no processo de ensino-aprendizagem. Os estudantes deveriam ser protagonistas de sua trajetória investigativa, sendo convidados a refletir criticamente e expressar suas compreensões de forma criativa. A abordagem metodológica também usou elementos do método histórico, pois





os alunos pensaram historicamente ao fazer análises de fontes, levantar hipóteses e problematizar as questões que envolveram o tema, fundamentos da pesquisa histórica, contribuindo para a formação científica da turma de modo prático (Ricci, 2007).

A sequência didática, dividida em dois momentos, foi composta por quatro aulas de 50 minutos cada, as quais aconteceram em duas semanas diferentes. O primeiro momento da sequência corresponde a oficina de análise literária, iniciada por meio de uma pergunta para os alunos, a fim de identificar o pensamento da turma sobre os estereótipos do continente africano, no qual responderam a seguinte questão: “O que vem à sua mente quando você escuta a palavra África?”. Com base nisso, no quadro, foi feito um mapa mental pelos bolsistas com as respostas dos alunos, para retomar aquelas ideias no final das discussões, refletindo sobre a desconstrução das visões únicas sobre o povo preto, partindo do olhar generalizado sobre a África, terra mãe da cultura afro-brasileira. Em seguida, formaram-se grupos compostos por cinco estudantes, nos quais receberam materiais com trechos das obras “O perigo de uma história única”, de Adichie (2019), e “Pequeno manual antirracista”, de Ribeiro (2019), além de imagens, ilustrações e conteúdos visuais sobre a cultura africana e resistência negra.

O segundo momento foi referente a análise, em grupo, de músicas com temáticas de resistência e representação negra, essa etapa consistiu em uma abordagem qualitativa, envolvendo a escuta, contextualização e estudo do conteúdo das letras de músicas, foi realizada a seleção prévia das seguintes canções: Corra - Djonga; África Brasil (Zumbi) - Jorge Ben Jor; Boa Esperança - Emicida; Bluesmen - Baco Exu do Blues; A Carne - Elza Soares; e Olhos Coloridos - Sandra de Sá. A escolha da música como fonte de análise vem do histórico de utilização desse recurso como ferramenta de resistência e protesto, como defende Davis (1998). Gêneros como samba, rap e funk, assim como canções religiosas de matriz africana, são apenas algumas das formas pelas quais a música tem traduzido as demandas e experiências das populações negras ao longo do tempo, afirmando sua identidade.

Para a seleção, além da temática, foi considerado o contexto social, político e cultural em que as canções foram compostas e interpretadas, relacionando-as com a realidade dos estudantes. As músicas foram apresentadas com manchetes de jornais ou trechos de entrevistas, selecionados especialmente para o conteúdo apresentado em cada música. Os materiais de análise abordaram aspectos como violência, racismo estrutural e resistência negra no Brasil, buscando relacionar diferentes tipos de fontes para compreender o contexto geral, relacionando com a atualidade. Esse tipo de estratégia busca incentivar que os alunos façam uma leitura crítica e autônoma do mundo, se posicionando como seres pensantes (Freire,





1996). Ademais, a turma pôde compreender que os eventos históricos não ocorrem isoladamente, entendendo suas causas e implicações.

Após as discussões entre os grupos, em ambos os momentos da sequência didática, os alunos deveriam compartilhar as reflexões com a turma, em um momento mediado pelos bolsistas do PIBID. Posteriormente, as equipes deveriam produzir cartazes criativos, a fim de fixar as análises sobre a temática racial, exercitando a criatividade, coletividade e reflexão, com liberdade e criticidade, se reconhecendo como seres sociais e históricos (Freire, 1996). Essa abordagem desafia os alunos a misturar os elementos artísticos com o conhecimento da história adquirida a partir da análise, buscando promover uma compreensão mais ampla e sensível das lutas históricas da população negra.

REFERENCIAL TEÓRICO

O presente trabalho foi fundamentado em obras que propõem uma abordagem crítica, reflexiva e transformadora, baseado no pensamento de Paulo Freire (1996), com sua teoria sobre liberdade e autonomia no processo de aprendizagem e compreensão do mundo. Autoras negras e feministas também foram utilizadas, como Djamila Ribeiro (2019) e Chimamanda Adichie (2019), tanto no processo de pesquisa para a construção da sequência e seleção de fontes quanto na metodologia de sala, fazendo com que os alunos trabalhassem com uma literatura decolonial como ferramenta didática, diferente do que normalmente é usado no ensino de história tradicional, que prioriza autores homens, brancos e europeus.

Além disso, pensando no momento de análise das músicas, foram utilizadas as reflexões de Angela Davis (1998) acerca da análise musical, sobretudo o blues, como forma de expressão e resistência para as mulheres negras nos Estados Unidos. A análise feita pela autora oferece paralelos relevantes para o contexto do Brasil. No livro “Blues Legacies and Black Feminism”, Davis (1998) argumenta sobre as performances musicais como uma forma de conscientização acerca das injustiças sociais, transformando a música em uma ferramenta de resistência política e social, o que pode ser analisado também em músicas brasileiras.

Entendendo as demandas da turma acompanhada com base no formulário diagnóstico aplicado no início do ano letivo, foi necessário pesquisar bibliografias sobre os temas observados. Por isso, Moreira (2019) foi utilizado como fundamento para a compreensão do conceito de racismo recreativo, quando preconceitos raciais são perpetuados por meio de piadas e descontração, aspectos identificados no formulário respondido pelos alunos. O conceito foi debatido em sala de aula durante a realização da sequência didática. Ademais,





Moreira (2019) foi mais um autor negro usado como base teórica das aulas na Escola Estadual Professora Zila Mamede, seguindo a abordagem decolonial.

A obra de Ricci (2007) foi usada para embasar aspectos da pesquisa que resultaram na sequência didática, bem como os procedimentos empregados durante os momentos das aulas. A autora trabalha a importância de metodologias diversas que proporcionam o incentivo a pesquisa no ensino, tendo como objetivo a formação autônoma, crítica e questionadora dos estudantes. Nesse sentido, as ideias da pensadora foram essenciais para fundamentar a utilização do método histórico na sequência didática.

Por fim, Tardif e Lessard (2014) fundamentam elementos das escolhas e reflexões sobre o processo de ensino, sobretudo referente a interação entre professor e aluno, parte importante da profissão docente. Assim, a obra contribuiu para a metodologia das aulas, pois o com os alunos foi de suma importância para a eficiência das discussões e dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa prévia foram satisfatórios para o planejamento da sequência didática, pois o diálogo com a bibliografia contribuiu para a fundamentação das aulas, proporcionando a análise problematizadora de estereótipos, história única e racismo, por meio do pensamento das autoras. Adichie (2019) direcionou a desconstrução de visões preconceituosas, partindo das questões africanas, o que possibilitou que os bolsistas usassem suas ideias na realidade brasileira, fazendo um diálogo com o pensamento da filósofa Ribeiro (2019), brasileira que trata do antirracismo como fruto dos processos históricos do país, apontando caminhos para a construção de uma sociedade justa e livre dos preconceitos raciais.

Tais resultados e diálogos entre as bibliografias pesquisadas permitiram a realização da sequência didática, pois a aula é um produto da pesquisa dos professores, e compreender isso é fundamental no processo de formação docente. Aprender é um ato de investigação que começa desde o planejamento das aulas, porque o professor é, acima de tudo, um pesquisador. Por isso, levar em consideração a etapa da pesquisa no planejamento e utilizar instrumentos de análise, problematização, levantamento de hipóteses e discussões como elementos de pesquisa histórica em sala de aula fazem parte do ensino de história e da formação questionadora dos estudantes (Ricci, 2007).

A sequência didática abordou aspectos da história e cultura afro-brasileira, tendo como objetivos a desconstrução de visões hegemônicas sobre o povo preto, partindo da





problematização de estereótipos e visão única sobre a África e os africanos, parte do racismo estrutural presente em nossa sociedade.

Com base no resultado das aulas e das discussões realizadas, foi possível perceber que os estudantes estão em processo de formação, de modo que atividades como essa contribuem significativamente para o desenvolvimento de suas habilidades de leitura, escrita, comunicação e argumentação, fundamentais para a formação crítica e questionadora dos alunos enquanto cidadãos, como aborda Ricci, (2007). As respostas escritas da turma sobre as perguntas norteadoras dos debates revelam que houve reflexões consistentes sobre a importância de considerar diferentes versões da História, problematizar narrativas dominantes construídas pelos vencedores, questionar os privilégios das pessoas brancas na sociedade e a interseccionalidade entre o racismo e outras formas de opressão.

Como observado no formulário do diagnóstico aplicado na turma, alguns alunos e alunas relataram que sofreram racismo dentro da escola. Durante o acompanhamento das aulas pelos bolsistas do PIBID, também foi possível perceber a existência do racismo recreativo dentro da sala de aula. De acordo com Moreira (2019), o racismo recreativo se trata da reprodução de estereótipos raciais de forma discriminatória, fantasiada de “descontração”, reforçando os preconceitos raciais presentes em nossa sociedade, frutos do racismo estrutural. Entender formas de discriminação racial veladas é importante para o letramento racial dos educandos, observações que também dialogam com o pensamento de Ribeiro (2019). Espera-se que as discussões feitas em sala tenham permitido a reflexão dos alunos sobre o conceito de racismo recreativo, abordado nestas aulas, no qual os alunos refletiram e discutiram sobre o tema. A escuta e interação entre professor e aluno é parte importante no processo de formação dos estudantes, como mencionam Tardif e Lessard (2014).

Os diálogos permitiram compreender a presença de visões estereotipadas por parte dos alunos, especialmente no início da aula, quando foi realizado o questionamento sobre a visão da turma com relação ao continente africano. Nessa etapa, as palavras mais recorrentes foram associadas a desigualdade, fome, sede e problemas climáticos. Como afirma Adichie (2019), a história única sobre determinado lugar ou população é capaz de construir generalizações negativas sobre um povo ou cultura, sendo importante que haja reflexões e outras narrativas sejam contadas. No entanto, também apareceram termos relacionados à cultura, natureza e religiões de matriz africana, revelando uma visão inicial que, embora parcial e influenciada por estigmas históricos, também reconhece aspectos positivos e identitários da cultura afro.

O primeiro momento da sequência de aulas foi bem recebido pela turma, que demonstrou engajamento nas discussões em grupo e participação ativa durante a aula. As





respostas escritas no material de análise revelam uma compreensão inicial dos estudantes sobre temas como antirracismo e estereótipos associados ao continente africano e o povo preto, podendo ser consideradas como um importante retrato do pensamento da turma a respeito dessas temáticas. A leitura dos trechos das obras de Adichie (2019) e Ribeiro (2019) contribuíram para a interpretação e reflexão dos alunos sobre o racismo, estimulando a leitura dos estudantes.

Na segunda oficina, foram realizadas as etapas de escuta das músicas e leitura de suas letras por cada grupo, além da análise das informações complementares, a resolução das questões norteadoras e a produção criativa de um cartaz sobre a música analisada pela equipe, utilizando desenhos, recortes de revistas e livros, colagens, papéis e cartolinas, de modo que articularam os elementos históricos compreendidos durante a realização das discussões sobre as músicas e os materiais adicionais.

Os estudantes demonstraram especial interesse na escuta das músicas, e algumas das canções apresentadas eram previamente conhecidas pela turma, o que causou certa identificação, fazendo com que pensassem historicamente e criticamente sobre elementos presentes em seu cotidiano. A análise das músicas também contribuiu para que os alunos enxergassem os diversos tipos de manifestação e expressão cultural que traduzem demandas específicas da comunidade negra. Consoante a Davis (1998), a música pode ser usada como um meio de encorajar formas de consciência social que desafiam a ideologia dominante do racismo. Por isso, pensar as músicas brasileiras produzidas por negros como mecanismos de resistência e denúncia colabora com a compreensão dos alunos sobre a temática.

A partir das respostas dos estudantes às perguntas norteadoras do segundo momento, foi possível perceber que conseguiram articular as músicas com as informações extras, como manchetes de jornais e estatísticas sobre racismo. Dessa forma, os alunos compreenderam como a arte pode refletir aspectos da realidade, sendo utilizada como um meio de denúncia e resistência, além de se aproximarem da música criada e cantada por pessoas pretas, valorizando a cultura diversa do Brasil e refletindo criticamente, como defende Freire (1996).

A parte final das duas oficinas foi marcada pela produção de cartazes criativos pelos alunos, permitindo que expressassem livremente suas ideias nos desenhos e colagens. Os estudantes poderiam criar tirinhas, quadrinhos, charges ou qualquer outra forma de arte que desejassem. Durante a atividade, foi possível perceber a organização das ideias e as potencialidades criativas da turma, a partir da articulação do conhecimento histórico com habilidades artísticas, evidenciadas em produções que abordaram temas como o diálogo entre brancos e pretos, a resistência afro-brasileira, o Quilombo dos Palmares, a trajetória de



escritoras negras e o combate ao racismo. Como afirma Ribeiro (2019), o contato com autores negros pode proporcionar a **expansão do conhecimento** nos indivíduos, gerando reflexões pertinentes.

Imagem 01 - Materiais produzidos pelos alunos



Fonte: Acervo pessoal dos autores.

O engajamento coletivo da turma ficou evidente, e o objetivo de fixar as discussões utilizando a criatividade dos alunos foi contemplado. O trabalho coletivo, colaborativo e a reflexão crítica sobre temáticas relevantes para o cotidiano escolar e da sociedade foram parte destes momentos.

No final da sequência didática, a visão inicial dos estudantes quando responderam a pergunta sobre o que sabiam da África foi diferente, pois as leituras de Adichie (2019) e Ribeiro (2019) contribuíram para a mudança de pensamento dos alunos. A utilização de obras com linguagem simples, como das autoras mencionadas, facilita a reflexão dos discentes do ensino básico sobre temas complexos, sendo o ponto de partida para aprofundamentos. Além disso, a partir do diálogo de Adichie (2019) sobre os estereótipos da África, iniciou-se o debate de desconstrução de visões preconceituosas sobre o povo preto do Brasil, fazendo paralelos com o pensamento de Ribeiro (2019) e compreendendo elementos históricos e culturais da comunidade afro-brasileira, usando a música como ferramenta de conhecimento e, por fim, revisando, fixando e debatendo aquilo que foi discutido por meio da produção de cartazes criativos, feitos pelas mãos da coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do exposto, conclui-se que a sequência didática desenvolvida evidenciou o potencial das práticas pedagógicas antirracistas para a transformação do ambiente escolar em um espaço de pensamento crítico, respeito à diversidade e valorização da cultura afro-





brasileira. Ao adotar metodologias ativas e utilizar obras produzidas por intelectuais negros e negras como base, a experiência possibilitou desconstruções de estereótipos e problematizações de narrativas hegemônicas sobre a cultura afro-brasileira. Houve também o questionamento dos preconceitos raciais existentes na sociedade, além de enaltecer a resistência da população negra ao longo da história, muitas vezes por meio da arte, como nas músicas utilizadas, a fim de estimular a reflexão sobre a identidade afro-brasileira.

Os resultados observados, o engajamento dos estudantes, a sensibilidade nas produções artísticas e a capacidade de articular conceitos históricos e vivências cotidianas, demonstram que propostas como esta contribuem para o desenvolvimento do pensamento crítico, da empatia e da consciência histórica e social dos estudantes, contribuindo para sua formação cidadã. A escolha de fontes diversas, como músicas, obras literárias, manchetes de jornais e imagens, permitiu aos alunos articularem diversos conhecimentos e se apropriarem do método histórico para criar uma narrativa a partir deles, reconhecendo a potência das vozes negras na construção do saber e da história, como sujeitos ativos em todos os processos pelos quais a sociedade foi construída.

A aplicação dinâmica da proposta revelou a relevância do diálogo entre teoria e prática no processo formativo. A atuação dos bolsistas como pesquisadores e mediadores do conhecimento reforça a importância do PIBID na formação de professores comprometidos com uma educação democrática, inclusiva e transformadora, consoante as demandas específicas de cada turma e escola. Entretanto, a experiência também deixou claro os desafios encontrados em sala de aula, como a presença do racismo recreativo, o que reforça a importância de ações contínuas que combatam o racismo estrutural desde os primeiros anos da escolarização. Nesse sentido, a prática pedagógica aqui relatada pode servir de inspiração para novas iniciativas em outros contextos escolares, especialmente na educação básica, contribuindo para o cumprimento da Lei 10.639/03 e da BNCC.

Por fim, este trabalho reforça que a educação deve assumir uma postura ética e crítica diante das desigualdades históricas e sociais, promovendo o reconhecimento e a valorização das trajetórias negras como parte fundamental da história. Somente a partir de tais reflexões será possível formar cidadãos conscientes de seus direitos, deveres e responsabilidades coletivas, capazes de atuar na construção de uma sociedade mais justa, plural e igualitária.

REFERÊNCIAS





ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BACO EXU DO BLUES. Bluesmen. In: **BLUESMAN**. [S.l.]: 999, 2018. 1 faixa, formato digital.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DAVIS, Angela Y. **Blues Legacies and Black Feminism**: Gertrude “Ma” Rainey, Bessie Smith and Billie Holiday. New York: Vintage, 1998.

DJONGA. Corra. In: **LADRÃO**. [S.l.]: Djonga, 2019. 1 faixa, formato digital.

ELZA SOARES. A Carne. In: **DO CÓCCIX ATÉ O PESCOÇO**. Rio de Janeiro: Maianga, 2002. 1 faixa, CD.

EMICIDA. Boa Esperança. In: **SOBRE CRIANÇAS, QUADROS, PESADELOS E LIÇÕES DE CASA**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2015. 1 faixa, formato digital.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JORGE BEN JOR. África Brasil (Zumbi). In: **ÁFRICA BRASIL**. Rio de Janeiro: Philips, 1976. 1 faixa, LP.

MOREIRA, Adilson José. *Racismo recreativo*. São Paulo: Pólen, 2019.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

RICCI, Cláudia Sapag. **Pesquisa como Ensino: textos de apoio. Propostas de trabalho**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SANDRA DE SÁ. Olhos Coloridos. In: **SANDRA DE SÁ**. Rio de Janeiro: RGE, 1982. 1 faixa, LP.

TARDIF, Maurice; LESSARD. O trabalho docente. Petrópolis: Vozes, 2014.

THEODORO, Janice. Educação para um mundo em transformação. In: KARNAL, Leandro (org.). **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007. p. 49-56.

